

O PARALELISMO DENTRO DOS PROCESSOS DISCURSIVOS E GRAMATICAIS NA FALA E NA ESCRITA

O propósito deste trabalho é expor um percurso reflexivo em torno de um tema: o paralelismo, um procedimento discursivo que pode repercutir nos processos lingüísticos de gramaticalização. Partindo de uma concepção de linguagem como atividade social, como uma forma de ação verbal, e com base nos pressupostos que permitem uma reflexão voltada para uma consciência lingüística crítica, buscar-se-á mostrar que existe um sistema de paralelismo patente no desempenho lingüístico dos jovens, que deve ser examinado dentro de contextos escolares, não em termos de uma *gramática a priori* (como um conjunto de regras lógica e mentalmente pressupostas) mas, sim, em termos do que se vem enfocando como gramaticalização. O termo gramaticalização coaduna-se, aqui, com um enfoque de formas e estruturas que emergem do uso. De acordo com Hopper & Traugott (1993:2), a gramaticalização pode ser vista primariamente, numa perspectiva sincrônica, como um fenômeno sintático, pragmático-discursivo a ser estudado a partir dos padrões fluentes (espontâneos) da língua em uso. É nesse âmbito que serão discutidos os casos de paralelismo identificados em narrativas de adolescentes. Antes, porém, faz-se necessário não só caracterizar o que vem a ser paralelismo como também destacar alguns aspectos que lhes são pertinentes.

1 O princípio do paralelismo e suas variantes

De modo geral, o paralelismo configura-se como um fenômeno discursivo assinalado pela presença de repetições nos níveis fonológico, morfológico, lexical, sintático e semântico. Mas a literatura lingüística associa-o, de modo específico, com a idéia de repetição de estruturas. Conforme registra Barbara Johnstone (1991), o próprio Roman Jakobson atribui a criação do termo a Robert Lowth, um tradutor do século XVIII, cujo trabalho sobre os versos “paralelísticos”, identificados no Velho Testamento em hebraico, tem servido de base para a noção de paralelismo aplicado a outras línguas.

O princípio do paralelismo aparece conjugado essencialmente, mas não de modo exclusivo, com uma simetria de construção. Nessa perspectiva, considera-se que o paralelismo canônico (sintático) ocorre quando estruturas gramaticais repetidas em formatos paralelos apresentam determinados pares fixos de palavras e cada membro do par aparece em posição estruturalmente idêntica. O refrão da conhecida canção de Gabriela — *Eu nasci assim/ eu brinquei assim / eu vivi assim..* — ilustra o paralelismo sintático canônico. O exemplo dado permite afirmar que o paralelismo constitui em si um caso de repetição complexa, já que envolve geralmente substituição de constituintes em posições idênticas. Além dessa forma canônica, existem também as construções lingüísticas cujos pares de segmentos, coordenados ou justapostos, costumam apresentar variações com expansões ou até mesmo elisões. Trata-se de formas parcialmente paralelas que, ultrapassando os limites de fronteira da sentença, integram uma rede de estrutura textual, conforme será ilustrado mais adiante.

Nos processos de paralelismo, alguns pares de sintagmas ou de segmentos oracionais costumam abarcar, além de elementos lexicais e sintáticos, traços semânticos (equivalência, oposição ou contraste etc.), enquanto outros envolvem marcas discursivas paralingüísticas, como similaridade e entonação paralelas.

2 As estruturas paralelas: sua presença na fala e na escrita

Entre os estudos que tratam o tema em questão dentro da língua falada destacam-se, de início, o de Elinor Ochs (1979) e os de Deborah Tannen (1982,1985). Ao tratar das diferenças entre discurso oral e escrito, Ochs identifica o paralelismo como uma das características do discurso não-planejado. Nesse sentido, sugere o seguinte: no caso de não se ter organizado previamente o discurso, pode emergir, em uma dada situação de fala, um mesmo formato morfossintático que é retido para expressar novo conteúdo. Por conseguinte, o registro do flu-

xo da consciência e a elaboração imediata de um conceito difícil poderiam exibir o emprego repetido de uma estrutura explícita.¹

Duas observações se fazem, aqui, necessárias. A primeira é que esse tipo de paralelismo na forma, a que se refere Ochs, pode ser identificado desde os níveis fonológico e lexical até os níveis morfossintáticos. Depois, nem sempre as estruturas que surgem repetidas refletem o fluxo do pensamento, ou da consciência, no momento da produção discursiva oral ou escrita, tampouco retratam um problema de acesso limitado ao acervo léxico disponível ou ao universo conceptual do falante.

Por outro lado, Tannen (1982), cuja proposta privilegia um *continuum* entre o discurso oral e o literário, chama a atenção para um aspecto observado por Ochs, ligado ao tempo reduzido de planejamento no discurso. Trata-se da repetição de construções sintáticas. A utilização das mesmas estruturas imprime ao discurso uma padronização rítmica que garante ao falante a manutenção do turno durante uma conversa, além de lhe permitir ganhar tempo enquanto planeja nova informação. Tannen (1985) enfatiza que o mais significativo é que, em decorrência do paralelismo sintático, surge uma espécie de “ritmo hipnotizador” que favorece o envolvimento interpessoal e, nessa perspectiva, sugere que os traços que refletem um foco relativo no envolvimento parecem ser a base da compreensão e produção bem-sucedidas do discurso oral e escrito (*ibid.*:125). Em sua conhecida proposta, Wallace Chafe (1982), ao caracterizar o discurso informal, próprio de situações de fala não-planejada, também associa o uso do paralelismo ao envolvimento

Por esses e outros estudos, o paralelismo tem sido considerado como um fenômeno genuíno da língua falada, como um fator responsável pela identificação de um texto como marcadamente oral ou, conforme sugere W. Ongs (1982), “baseado na oralidade”, seja esse texto falado ou escrito. De fato, diversos tipos de repetição, entre os quais as estruturas paralelas constituem o nível lingüístico mais proeminente, encontram raízes profundas nas formas orais de expressão. Pesquisas provenientes de diversas abordagens teóricas voltadas para a análise do discurso enfocam o paralelismo na fala desde os processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem, passando pelos trabalhos da sociolingüística interacional até investigações que se concentram na área da análise da conversação.

Estudos recentes e mais direcionados para a língua portuguesa, como os dedicados à Gramática do Português Falado, apontam a repetição como um

poderoso mecanismo de formulação textual (Castilho,1998; Koch, 1997 e Marcuschi, 1996 entre outros). Seus autores sugerem que as formas que aparecem repetidas no plano da materialidade de um texto, principalmente nos níveis lexical e estrutural, operam em termos de coesividade (referenciação, sequenciação, correção, expansão, parentização e enquadramento), além de exercerem funções no plano discursivo quando favorecem, então, a continuidade tópica, a compreensão, a argumentatividade e a interação.

Marcuschi, para quem a repetição constitui uma estratégia central da oralidade, levanta uma hipótese geral de que os padrões sintáticos na fala estariam em íntima relação com os padrões interacionais de tal forma que propriedades sintáticas de superfície seriam controladas em níveis discursivos. Isso evoca a tese defendida por Talmy Givon (1979) a partir da proposta teórica de que a sintaxe precisa ser compreendida como proveniente do discurso.²

Ao discutir a formação de listas resultantes de paralelismos sintáticos, Marcuschi (1996:110) vê uma tendência à fixação de um padrão sintático, a partir do qual surgem acréscimos, conforme ilustra o seguinte segmento analisado pelo autor:

- (1) 1 L1: os presentes que eu ganhava lá
2 eram por exemplo
3 eram o Lenine né?
4 eram o: Zé Rocha
5 que era um pessoal de Lula Cortes
6 que era o pessoal que tocava que tocava aqui né?
7 que era o pessoal que faz o trabalho aqui né?
(D2- REC, 340:1.381-1.388)

Segundo Marcuschi, o exemplo em destaque ilustra uma estratégia textual em que as elisões figuram à esquerda do núcleo verbal repetido enquanto as expansões recaem mais nos constituintes dispostos à direita do SN ou do SV nuclear repetido. O autor sugere tratar-se de uma forma de textualização muito peculiar da fala e rara na escrita. Cabe aqui ponderar que se trata de uma estratégia de expansão muito comum, que se pode encontrar também em textos narrativos escritos conforme será ilustrado mais adiante.

A propósito, pode-se afirmar a essa altura que a repetição de estruturas, assim como outros tipos de repetição, não equivale a um princípio particular do desempenho oral, a uma estratégia recorrente apenas nos processos de interação face-a-face. Assim, vejamos. Em primeiro lugar, de acordo com as investigações levadas a cabo por Johnstone (1991:25), a literatura lingüística documenta estu-

¹ Nas palavras de Ochs (1979:79): “...it may be the case that, when speakers have not previously organized their discourse, they may retain the same morpho-syntactic format to express novel content. Hence, stream- of- consciousness writing and on-the-spot working out of a difficult concept may exhibit repeated use of a formal frame.”

² Givon (1979: 109) afirma que “os princípios e parâmetros comunicativos que governam tanto o discurso como a sintaxe crescem do *modus* pragmático e de sua seleção ao longo da escala de registros da comunicação humana”.

dos que comprovam a existência de poesia oral sem paralelismo. Em segundo lugar, o paralelismo canônico é também encontrado em textos escritos de diversos gêneros, como a denominada “prosa paralelística” analisada por J.R. Hightower (1959) dentro do chinês, conforme registra Johnstone cujo trabalho de pesquisa se concentra justamente nos paralelismos, identificados nos textos escritos de gênero argumentativo do discurso árabe.

Em um trabalho de investigação dentro do espanhol, sobre a oralidade no discurso narrativo de adolescentes mexicanos, pude constatar que a repetição de estruturas, seja na forma de paralelismo canônico, seja em outros tipos de construções paralelas, corresponde a 62.9% sobre o total dos tipos de repetição documentados nas narrativas orais, e a 63.5% do total das repetições identificadas nos relatos escritos correspondentes (Silva, 1996:113). Os valores apontam uma tendência reveladora: há uma disposição proporcionalmente representativa quanto à repetição de estruturas nos textos orais e escritos analisados. Isto sugere que o paralelismo tem seu lugar tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita.

Por fim, para mostrar a importância do fenômeno da repetição de estruturas nas duas modalidades da língua, vale retomar uma argumentação do próprio Marcuschi. Embora sua pesquisa esteja voltada essencialmente para o português falado, o autor comenta que “um dos interesses no estudo da repetição reside na sua importância para a descrição gramatical”. Isso porque, sempre segundo Marcuschi, tudo indica que a repetição têm influências relevantes no processo de descrição gramatical da língua e que leva a indagações (já formuladas por estudiosos de outras línguas), no que diz respeito ao escopo da gramática (*ibid.* 29).

3 Do discurso à gramática (com um breve percurso entre a oralidade e a tradição escrita)

Inicialmente, deve-se lembrar que alguns estudos mencionados anteriormente associam o paralelismo à idéia de discurso não-planejado, ou apontam-no como um traço característico da oralidade. Nesse sentido, propaga-se dentro da tradição escrita que a repetição de estruturas deve ser parcialmente substituída por outros mecanismos coesivos, associados aos processos de subordinação. Tal modalidade de construção não implica que o paralelismo deixará de ser usado para cumprir funções discursivas em sociedades com fortes tradições escritas. Não obstante, as normas escritas costumam influenciar os padrões do discurso oral (e vice-versa), o que poderia não ser o caso de comunidades/sociedades que contam exclusivamente com as tradições orais. Parece que, no que tange à língua escrita, restrições dessa natureza podem contribuir para a avaliação negativa que as estruturas repetidas, assim como outras formas lingüísticas de repetição,

recebem em muitos contextos educacionais, ainda que continuem a ser empregadas de maneira freqüente.

Cabe lembrar também que em culturas onde a estrutura narrativa é fortemente influenciada pelas tradições escritas, pode-se esperar que o paralelismo lexical e sintático desempenhe um papel menos significativo tanto no discurso escrito quanto no oral. Isto se compararmos com as culturas nas quais as tradições orais predominam. Por outro lado, se os significados textuais, conforme sugerem alguns estudiosos, derivam dos significados proposicionais, poder-se-ia imaginar que existem grupos sociais que enfatizam as tradições escritas e outros que privilegiam as tradições orais, manifestando-se, assim, trajetórias distintas no emprego de formas de paralelismo. É sabido que línguas que evidenciam o uso da repetição no discurso planejado e não-planejado podem ser mais prováveis de empregar gramaticalmente o paralelismo lexical e sintático. Parece ser o caso do português e do espanhol.

Em seus estudos sobre a repetição no desenvolvimento da linguagem, Bennet-Kastor (1994) comenta a existência de um número considerável de investigações que, nos últimos quinze anos, compartilha a idéia de que a gramática emerge do discurso. Entre estas, cabe aqui destacar, ainda que de maneira sucinta, a proposta teórica de Givon (1979), para quem o processo de mudança envolve ondas cíclicas assim caracterizadas: *discurso* > *sintaxe* > *morfologia* > *morfofonologia* > *zero*.

Ao relacionar o tema da gramaticalização com as funções discursivas da repetição, Susan Sheperd (1994) também faz alusão a uma série de autores que têm explorado os processos de gramaticalização. São pesquisas que, de um modo geral, sugerem o seguinte: em decorrência da utilização de formas ou estruturas velhas para sustentar novas funções, costuma surgir uma mudança de significado que vai do concreto em direção ao abstrato. Na concepção de Sheperd, a gramaticalização da repetição pode constituir uma evidência da especificação de significado (ao invés de uma perda), de modo que as funções que parecem ser as mais concretas — como ênfase e intensificação — são as que apresentam significados mais passíveis de serem codificados ou gramaticalizados. Ressalte-se que, nesse sentido, o abstrato aponta para a gramaticalização, processo de mudança lingüística que resulta das regularidades de uso.

Em termos semânticos, pode-se entender a gramaticalização como um processo essencialmente metafórico. De acordo com S. Votre (1996:120), trata-se de um processo que implica uma transferência de domínios conceptuais mais concretos para domínios menos concretos, o que poderia levar-nos a admitir que as estruturas gramaticais que emergem constituem o produto lingüístico cristalizado da atividade lingüístico-cognitiva.

4 O paralelismo em narrativas escritas

Partindo da concepção de que a gramática emerge do discurso, buscar-se-á mostrar, mediante um recorte analítico de quatro narrativas escritas produzidas por adolescentes de Brasília (Silva, 1991), alguns tipos de paralelismos que sugerem um processo de transformação, cujo foco de direção tende a evoluir no sentido do menos específico para o mais específico e do emotivo e interpessoal para o textual. Antes, porém, cabe mencionar que, no tocante ao uso de tipos padronizados de repetição de palavras e estruturas, os tratados de retórica tradicional tratam o tema dentro da categoria de esquemas, mediante uma lista de classificações tais como *anáfora* (rep. de uma ou mais palavras no princípio de duas ou mais frases, de membros da mesma frase), *epístrofe* (rep. de palavra no fim de frases seguidas) e *anadiplose* (palavras que aparecem no fim de um período ou oração e que reaparecem no princípio do período seguinte).

Entre as figuras de construção mais comuns nas narrativas dos jovens, encontram-se as que decorrem da repetição de palavras e estruturas, cuja presença favorece precipuamente a formulação textual, revelando algumas vezes um uso produtivo deste procedimento lingüístico. Eis um exemplo documentado numa narrativa escrita produzida por um jovem (15 anos) de classe média, estudante de uma escola da rede particular:

(2) *Contarei a história de uma bomba, uma mísera bomba que se tornou, ou quase se tornou uma catástrofe: de pouco em pouco, de grão em grão, ou melhor: de pólvora em pólvora.*

(NE n° 19)

Os dois primeiros segmentos sublinhados no exemplo anterior ilustram uma operação essencialmente estrutural de repetição dentro do domínio da coesão textual. Em “*uma bomba, uma mísera bomba*” ocorre uma expansão mediante a recuperação oportuna de um SN (*uma bomba*) que favorece um incremento novo de natureza informativa e avaliativa à composição discursiva do narrador. A recuperação de um segmento lingüístico com acréscimo, além de implicar a ocorrência de paralelismo, costuma realizar-se pela adição de constituintes ou termos adjuntos tanto à esquerda quanto à direita do núcleo, embora a tendência natural da expansão costume ser linearmente progressiva, ou seja, estender-se a partir do núcleo ou sintagma nuclear repetido.

Por outro lado, o jovem tira partido dos paralelismos sintático e lexical, principalmente nas expressões “de pouco em pouco”, “de grão em grão” e de “pólvora em pólvora” dispostas em gradação. A funcionalidade deste recurso confere ênfase ao último elemento da enumeração, concentrando nele maior valor semântico. A recorrência de segmentos lingüísticos em posição contígua estabelece, geralmente, uma ampliação de significado da forma repetida, no caso, trata-se de uma triplificação de estruturas lingüísticas repetidas.

Sabe-se que, enquanto a reduplicação é um fenômeno gramatical, a triplificação corresponde mais a um fenômeno de ordem estilística, sendo ambos, no entanto, partes de uma única realidade: a linguagem. Como já foi mencionado anteriormente, ademais de ser uma atividade verbal, a linguagem é um processo social e, como lembra Norman Fairclough (1992), não deve ser vista como um fenômeno isolado. Retomaremos esta questão nas considerações finais. Por agora, cabe registrar que Fairclough aponta a existência de uma relação dialética entre a linguagem e a realidade social, sugerindo que, ao mesmo tempo que a linguagem constitui a realidade social é por esta constituída.

O exemplo em questão ilustra o emprego de estruturas sintagmáticas semelhantes, as quais evidenciam, inclusive, um ritmo discursivo dentro da escrita, associado a mecanismos avaliativos e efeitos estilísticos, aspectos que remetem a outras dimensões, quais sejam, o adolescente (15 anos), que já se encontra em plena etapa de letramento, imprime em seu texto marcas lingüísticas próprias dos estilos monitorados da língua. Em poucas palavras, inicia a narrativa, aproximando-a de um discurso literário, reconhecido socialmente como uma das formas mais expressivas de linguagem.

No fragmento seguinte, que também constitui a parte inicial de uma narrativa escrita, o narrador, um adolescente de 16 anos, ao descrever o dia de um acontecimento marcante, apresenta as informações numa ordem de gradação ascendente, pelo acréscimo de mais uma idéia à unidade precedente. O autor dessa narrativa, um jovem de classe média, estuda numa escola da rede pública. Examinemos o trecho em questão:

(3) *Foi num dia qualquer, num dia em que nos privamos da delícia extasiante de descansar em nuvens; quase morremos. Foi num dia em que, num roubo aventureiro, atravessamos, a nado, o lago.*

(NE n° 21)

Da recorrência dos sintagmas acima destacados emerge uma estrutura. Trata-se de uma forma de paralelismo que evidencia mais uma vez um mecanismo básico de expansão textual. Observe-se que o terceiro segmento recupera parte do material lingüístico utilizado anteriormente. Tal tipo de construção aproxima-se dos denominados “amalgamas sintáticos”, uma vez que consiste em reunir partes anteriores, resultando uma construção reconstituída que permite avançar o texto (Marcuschi, 1996). Além de favorecer a progressão textual, a estrutura utilizada permite ao narrador imprimir uma continuidade dramática ao seu relato mediante a inserção de recursos expressivos com o uso das expressões: ‘*delícia extasiante*’, ‘*descansar em nuvens*’ e ‘*roubo aventureiro*’. São expressões que se aproximam das denominadas fórmulas fixas (Ong, 1982), uma estratégia de uso comum na oralidade, transformada em verdadeiro recurso literário.

Já no exemplo que se segue, o paralelismo sintático, somado ao lexical, evidencia um estilo bem próximo da linguagem coloquial. Trata-se da primeira parte da narrativa de uma jovem de 16 anos, aluna de uma escola de classe média alta, da rede particular de ensino. Apreciemos o exemplo:

(4) *Tudo começou em maio de 90, quando eu comecei a conhecer o pessoal da quadra. No começo eram tudo rosas, tudo ótimo. Conheci o Jaques. De cara, ele me pareceu o mais legal, o mais espontâneo e o mais brincalhão.*

(NE n° 12)

Quanto ao primeiro par de segmentos paralelos que compõe o enunciado — “*No começo eram tudo rosas, tudo ótimo*” — tem-se uma construção peculiar com um desvio semântico aparente. O que ocorre nesse enunciado narrativo é um possível cruzamento da forma elíptica de uma expressão metafórica — *mar de rosas* — que a jovem emprega ao lado de uma frase nominal (*tudo ótimo*) com vestígio de elisão à esquerda do núcleo repetido. Isso evoca o caráter lúdico das construções paralelas fixadas na escrita literária, como as que se pode colher nas páginas de Machado de Assis, em **Memórias póstumas de Brás Cubas** (início do cap. XV) e em **D. Casmurro** (início do cap. I) respectivamente:

(i) *Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela....* (1962: 67)

(ii) *Uma noite destas,/..../, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, qu eu conheço de vista e de chapéu.* (1962:5)

Os dois segmentos literários ilustram um desvio semântico, uma vez que o padrão esperado seria o de uma simetria de construção em que os constituintes coordenados, ocupando uma posição paralela, pertencessem à mesma classe gramatical e ao mesmo universo semântico.

Voltando ao exemplo (4), o segmento narrativo exibe ainda uma recorrência de construção (pron. demonstrativo + advérbio + adjetivo), incrementando a apresentação de uma lista:

“De cara ele me pareceu o mais legal, o mais espontâneo e o mais brincalhão.”

O segmento destacado serve para mostrar que o usuário da língua (no caso, uma narradora) tem acesso a uma estrutura gramatical que lhe permite enfatizar de maneira icônica as características do protagonista de seu relato. Trata-se de um paralelismo por listagem, estratégia de coesão seqüencial apontada como própria da modalidade oral, mas que é empregada pelos jovens de maneira corrente e recorrente nos textos escritos.

Outro trecho da mesma narrativa escrita evidencia o paralelismo sintático como estratégia de envolvimento interpessoal e como um recurso de textualização:

(5) *E nesse dia começamos a namorar. Começo de namoro é fogo. Primeiro permanece a dúvida se estamos namorando ou não. Depois vêm as dúvidas “do mundo” - Será que ele gosta de mim? Será gosto dele? Será que ele vai me chifrar? E ainda tem o detalhe de ser maior de idade, dirigir carro, tudo isso pesa.”*

(NE n° 12)

De um lado, o paralelismo inicial que aparece no interior dos segmentos oracionais justapostos — *...começamos a namorar. Começo de namoro é fogo* — é de natureza semântico-lexical e ocorre disfarçado numa nominalização. Eis que o comentário, na condição de rema, da primeira unidade de informação transforma-se em formas substantivadas que reaparecem como tema na unidade de informação subsequente.³ Por outro lado, a apresentação do tópico relacionado às dúvidas da adolescente implica uma seqüência que evidencia a interpenetrabilidade de paralelismos:

Primeiro permanece a dúvida se estamos namorando ou não.

Depois vêm as dúvidas “do mundo”

- Será que ele gosta de mim?

Será gosto dele?

Será que ele vai me chifrar?..

Os segmentos em destaque sugerem, mais uma vez, um movimento que vai do interpessoal e emotivo em direção ao textual. Vejamos. O fragmento de texto em questão combina traços de envolvimento, típicos da fala, com traços de integração esperados na escrita (Chafe, 1982, Tannen, 1982). Ao estilo formal de encadeamento seqüencial próprio da escrita, que é evidenciado, seja na nominalização mencionada anteriormente, seja na ordem de apresentação (primeiro..., depois...) dos segmentos oracionais ou unidades de informação dispostas em formatos paralelos, mescla-se o estilo coloquial das frases interrogativas, formuladas em discurso direto livre, com estruturas sintáticas justapostas em forma de listas. Isso resulta uma “mistura” de traços de oralidade e traços de letramento ou de cultura escrita (Brian Street, 1995).

Os segmentos que aparecem sublinhadas no exemplo a seguir, ao mesmo tempo que funcionam como uma espécie de andaime para duas seções fundamentais da narrativa, (ação complicadora e avaliação), ilustram mais uma vez o paralelismo como uma estratégia de formulação, ou melhor, como um recurso textual que indica o caminho de uma grama-

³ Do ponto de vista funcional, cada enunciado exibe geralmente duas partes: a primeira, denominada *tema*, compreende o segmento sobre o qual recai a predicação veiculada pela segunda, conhecida como *rema*. O *tema* implica um segmento comunicativo relativamente estático em oposição ao *rema* que, por sua condição funcional de núcleo ou comentário, torna-se dinâmico. Ver também Koch (1998:72 e ss.).

ticalização. O trecho faz parte da narrativa de uma jovem de 16 anos, procedente de classe social menos favorecida, aluna de uma escola pública de Brasília.

(6) Bem, o ônibus parou, quando ia descer, veio em minha direção pessoas, acho que estavam desesperadas com alguma coisa (...). Quando coloquei o pé no terceiro degrau, acho que (o) um monstro pisou no meu pé, só ouvi um estralo como se alguém estivesse esmagando alguma coisa.

Quando pisei não me segurei, e caí no chão com o tornozelo torcido. Foi horrível mas acho que “ele” não teve culpa, afinal ele queria subir, mas ele não só ele devia esperar as pessoas subirem

(NE n.º. 2)

A reiteração de uma estrutura, mais que equivaler a um indício de um discurso não-planejado como sugere Ochs, funciona como uma base ou suporte que permite uma expansão discursiva. O exemplo ilustra uma propensão a um possível estabelecimento de um padrão sintático dentro do texto narrativo. O paralelismo neste texto escrito se configura como um suporte estrutural que permite uma sequenciação das cadeias lingüísticas e uma expansão de idéias. O que mais cabe destacar é que a narradora possivelmente não está consciente de seu papel de arquiteta de um texto. No entanto, ao repassar uma experiência pessoal, deixa em seu texto, junto das marcas lingüísticas de coesividade (no plano textual) e de envolvimento pessoal e interpessoal (no plano da interação), os sinais de que por trás de um texto narrado existe muito mais que um estrutura explícita: corre todo um processo de gramaticalização da linguagem.

5 Considerações finais

Com base em estudos que vêm investigando nos últimos anos a questão do paralelismo lingüístico, procurou-se mostrar que o discurso oral e as práticas sociais de linguagem escrita não se excluem, mas antes evidenciam uma interpenetrabilidade. Buscou-se enfocar textos narrativos escritos, produzidos por adolescentes de classes sociais distintas, estudantes de duas escolas da rede de ensino do Distrito Federal: uma pública e a outra particular. A alusão ao contexto escolar implica aproximar o fenômeno investigado, qual seja, o paralelismo, a um espaço social representativo de uma comunidade, enquanto a referência ao fator idade permite estabelecer uma associação do referido fenômeno com a linguagem dos jovens, vinculando-os, ao mesmo tempo, à categoria de um grupo social que demanda atenção: os adolescentes. Duas considerações se fazem, aqui, necessárias. De um lado, conforme W. Labov (1984), os preadolescentes e os adolescentes conformam um grupo social que já adquiriu a variedade vernácula da língua. Isso equivale a considerar que suas estruturas lingüísticas são relativamente bastante

representativas. Por outro lado, existe uma espécie de crença num desajuste entre a linguagem de um grupo social particular, no caso, adolescentes, e a linguagem intitucional, no caso, a escola.

Os exemplos apresentados neste estudo servem para ilustrar, do mesmo modo que o fazem nossas gramáticas normativas, que o paralelismo se configura dentro do português como uma forma gramaticalizada de repetição. Nesse sentido, parece viável propor que a presença desse recurso na escrita deve ser interpretada como um procedimento lingüístico que evidencia um fenômeno natural da linguagem em sua forma vernacular. As estruturas repetidas, em lugar de receberem avaliações conotativas, rotuladas na maioria das vezes como “clichês”, “vícios de linguagem” ou “traços de oralidade”, devem ser vistas primordialmente como um recurso favorecedor da textualização. Cabe, aqui, uma reflexão final quanto à linguagem e seu funcionamento. É justamente no contexto dessa gramática “natural”, resultante do uso concreto da língua, que se deve pautar um arcabouço teórico para a descrição gramatical, e que se deve buscar a construção de um aparato teórico-metodológico que auxilie a compreensão e interpretação de textos orais e escritos produzidos pelos jovens em contextos institucionais.

É hora de acenar para uma prática social transformadora que possa garantir uma gramática reflexiva, cujo objetivo há de ser o de ensinar a nossos alunos a utilizarem a língua nas modalidades oral e escrita com eficácia e adequação, sem continuar numa política de reiteração de valores e crenças impostas, inspiradas em normas lingüísticas que cavam um fosso entre as formas orais e escritas de expressão. O que se pretende é sugerir que os estudos que se vêm realizando, e que resultaram até agora na GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS FALADO, possam permitir continuar um enfoque da língua nos parâmetros de uma gramática funcional que contemple justamente essa interpenetrabilidade existente entre as modalidades oral e escrita. Propor um olhar para um ensino da língua que privilegie a compreensão e produção do discurso como processos sociais, pautados na realidade pela qual a linguagem se modifica e é modificada, equivale aos princípios propostos por Fairclough, que evocam a possibilidade de mudança de uma nova ordem social.

Bibliografia

- BENNET-KASTOR, T. (1994). Repetition in Language Development. In: B. Johnstone (ed.). *Repetition in Discourse*, vol.1. New Jersey: Ablex, pp. 155-171.
- CASTILHO, A. (1998). *A língua falada no ensino de português*. São Paulo : Contexto
- CHAFE, W. (1982). “Integration and involvement in speaking, writing”. In: D. Tannen (ed.), *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. (Advances in Discourse Processes, vol IX). New Jersey: Ablex, pp. 35-53.

- FAIRCLOUGH, N. (1992). *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press.
- GIVON, T. (1979). *On understanding grammar*. New York: Academic Press.
- HOPPER, P. & TRAUGOT, E. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press (textbooks in linguistics).
- JOHNSTONE, B. (1991). *Repetition in Arabic discourse*. Philadelphia: J. Benjamins.
- KOCH, I. V. (1997). *O texto e construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.
- LABOV, W. (1984). "Field methods of the project on linguistic change and variation". In: J. Baugh & J. Sherzer (eds.). *Language in use*. Englewood Cliffs, NY:Prentice Hall, pp.28-53.
- MARCUSCHI, L. A. (1996). A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, vol.6: Desenvolvimentos, pp.95-129.
- OCHS, E. (1979). Planned and unplanned discourse. In: T. Givon. *Syntax and semantics*, vol.12. New York: Academic Press, pp. 51-80
- ONG, W. (1982) *Oralidad y escritura: tecnologías de la palabra*. Ed. cast. (1987). Trad. de A. Scherp. México: Fondo de Cultura.
- SILVA, D. E. G. (1991). *A oralidade no discurso narrativo escrito de adolescentes*. Brasília: UnB.Tese de mestrado inédita, 161 pp.
- . (1996). *La oralidad en el discurso narrativo escrito de adolescentes mexicanos: el fenómeno lingüístico de la repetición*. México: Universidade Nacional Autónoma de México. Tese de doutorado inédita, 196 pp.
- SHEPERD, S. (1994). Grammaticalization and Discourse: Functions of Repetition. In: B. Johnstone (ed.). *Repetition in Discourse*, vol.1. New Jersey: Ablex, pp. 221-229.
- STREET, B. (1995). *Social literacies: critical approaches to literacy development, ethnography, and education*. London/ New York: Logman.
- TANNEN, D. (1982). Oral and literate strategies in spoken and written narratives. *Language*, 58, pp.1-21.
- . (1985). "Relative focus on involvement in oral and written discourse. In: D. Olson *et alii* (eds.). *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 124-147.
- VOTRE, S. et alii (org.). (1996) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 147-165.